

## CHOVEU!

**\* Roberto Rodrigues**

Este ano demorou para chover. Atrasadas, as chuvas só vieram na segunda quinzena de outubro. Mas, generosas, molharam este vasto interior brasileiro que despertou do sofrimento prolongado imposto pela seca inclemente, pelo calor sufocante, pelo vento impiedoso que varreu, meses a fio, as últimas umidades.

Agora, quem anda pelo interior, vê e sente um outro quadro. Não mais o cinzento das gramíneas todas, o esfumaçado da atmosfera, os incêndios recorrentes. Não mais o ar poeirento e irrespirável, o cheiro execrável da morte das plantas.

Agora, o verde tomou conta de tudo: de tons variados, revestiu a vegetação de todo tipo. Há uma efervescência de vida buliçosa por onde se olhe. Os canaviais, ao sabor da brisa primaveril, dançam o baile do crescimento esmeraldino; flores das primaveras, dos últimos ipês, dos jacarandás contrastam coloridas com este verde encantador, sob o azul maravilhoso do céu novembrino, onde passeiam nuvens anunciando mais uma chuvinha criadeira.

As laranjeiras, os cafeeiros e as fruteiras em geral se vestem de flores alvas, e perfumam deliciosamente seus arredores. Uma algazarra de passarada, qual bando de crianças saindo de férias, corta os ares em bailados coletivos: periquitos, maritacas, sabiás, pássaros-pretos, pica-paus, sanhaços, bem-te-vis, corruíras, alegres com esta natureza rediviva, fazem desmaiar o canto monótono dos pardaís; os joões-de-barro alardeiam suas novas construções, e os beija-flores buscam o abundante néctar das floradas. Um alarido de insetos polinizadores dá a sensação de um novo tempo se abrindo.

Tudo se renova no campo com a chuvarada.

Não só as plantas; não só os regatos que ressurgem; não só os gados diversos que engordam e mostram o pelo luzidio. Não só as aves e os insetos.

Também o sertanejo. Quando as primeiras chuvas molham seu rosto cansado de olhar para o céu, misturam-se às suas lágrimas de gratidão e de esperança. A esperança de uma nova colheita, por sua vez, fertiliza sua fé e sua confiança em seu trabalho e em seu país.

O cheiro inigualável da terra molhada funciona quase como um feromônio para os homens e mulheres do campo. Invade suas casas e seus barracões e, elas e eles, febris, precipitam-se sobre suas máquinas e caminhões, carregando-os de adubos, de sementes, e a palavra de ordem, repetida há séculos, é a mesma: “plantar, que o ano que vem as coisas vão melhorar...”

Logo, logo mesmo, multiplicam-se, campo afora, roncões de milhares de tratores que, equipados com plantadeiras, vão penteando a terra preparada e nela lançando as sementes de mais uma safra. De mais uma expectativa plantada.

E agora, duas ou três semanas depois das primeiras águas, já se pode ver o milagre da preservação da vida: por onde se anda neste vasto sertão brasileiro, os

cotilédones da soja romperam a camada de cobertura de terra e já sorriem ao sol tropical; milhões de hectares de terra vermelha vão ganhando o verde dos milharais, algodoads, feijoads, arrozais e amendoinsais nascentes. Crescem os girassóis, os sorgos, e os agricultores se apressam em plantar suas mudas de citrus, de café, de eucaliptos, de pinus, de frutas, de seringueiras.

Esta parceria formidável do homem com a natureza, única capaz de garantir a sobrevivência da humanidade, se renova e se fortalece, na dura faina cotidiana dos agricultores perdidos na imensidão deste território brasileiro. Agora molhado, porque enfim choveu.

Graças a Deus!

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**